

Dom Almendo

A caçar andava Almendo
A caçar como sabia
Mas seu perro tão cansado
Que já correr não podia;
Onde havia anoitecer-lhe?
Em rude estrada montia
Em que não houvera gente
Nem tão pouco abrigo havia.
Tão só um grande arvoredos
O campo todo cobria
Deita olhos a um loureiro
Vê um rosto que sorria
Seu fino cabelo d'ouro
Toda a rama cobria
O lindo olhar de seus olhos
Em todo o monte lumbria.
- Que fazeis aqui, senhora
Quem aqui vos prantaria?
Ai quem veio aqui deixar-vos
Nesta chaparra sombria?
Contai-me lá a vossa história,
Que eu por gosto a escutaria.

- Sou filha d'El-Rei de França
Neta sou d'El-Rei de Hungria
Aqui me trouxeram moiros
Com sua feitiçaria
Encantada me deixaram
Até ver quem me queria.
Se o cavaleiro quizera
Minha sina quebraria
Montara-me em seu cavalo
E daqui me levaria.

- Levara, sim, vos levaria
Já vos dera companhia
Mas tenho atrás de voltar
Pelo perro que trazia
Que a tais horas, de cansado
Para aí se estenderia.

- Adiante, ó cavaleiro,
Não useis descortesia
Deixando uma dama infanta
Por um perro que dormia

Se me deixais pelo perro
Tem ele bem mais valia.

- Não é somente por ele
Que eu aí a deixaria
Mas é também pela caça
Que me deteve neste dia
Que me ficou resguardada
Numa longa penedia.

- Adiante, ó cavaleiro
Não useis de vilania
Não deixeis por penas mortas
Minhas penas em porfia
Ora convosco levai-me
Que meu pai por vós seria.

- Não se me dá dessa caça
Que por lá me ficaria
Mas a sede agora é tanta
Que já me causa agonia
Quedai-vos, senhora, um pouco
Que eu à fonte correria
De volta fôra convosco
Antes que raiasse o dia.

- Ai, cavaleiro, escutai-me
Por Deus e a virgem Maria
Eu vos matarei a sede
Que ora matar-vos queria
Eu vos darei a beber
Prantos da minha alegria.

Cativa-se o cavaleiro
Quem se não cativaria!
Nisto a enfeitçada
Do loureiro se descia.

- Vamos, cavaleiro, a Roma
Pôr os pés em pedra fria;
Padre Santo que lá seja
Absolvição nos daria.

- Não iremos lá tão longe
Que em vós não há maladia
Ireis à minha albergada
Lá tereis albergaria.

A caminhar se puseram
Quando a lua mais lumbria
E dava o clarão no rosto
Da infanta que fugia.

Quando ao meio do caminho
Perro moiro lhe saía,
Que era quem vigiava
Que era quem aguardaria.

- Tem-te, tem-te, cavaleiro
Se a vida não te agonia
Se a poncela me levas
Levas a luz do meu dia.
- Só me importa o que te levo
De ti não me importaria.

- Se a dona tu me roubaras
Logo aqui te mataria.

Para ele avança o moiro
Pensando que o deteria
Mas ao puxar pela infanta
A mão aos pés lhe caía
Queda-se ele pensativo,
Sem saber o que faria.
Enquanto o moiro pensava
Enquanto ele se doria
O cristão com a infanta
Voava, que não corria!